

Sobre a concepção de politécnica

Nilson Joseph Demange*

Dermeval Saviani

Ministério da Saúde/Fundação
Oswaldo Cruz, 1987

Essa obra surgiu de um trabalho solicitado ao autor pelos responsáveis pela criação de um instituto para a formação de técnicos em saúde junto à Fundação Oswaldo Cruz: o Politécnico de Saúde Joaquim Venâncio. Sua contribuição, junto à de outros expositores, visava dar subsídios, em um seminário, para a discussão de um documento-base formulado pelos organizadores do Politécnico, intitulado "Escola Politécnica de Saúde: Uma Utopia em Construção".

Para o autor, essa proposta deveria ocorrer "no interior de um sistema de ensino, cuja ordenação não corresponde exatamente ao espírito dessa proposta". Apesar disso, a proposta de politécnica consistia numa experiência que prometia "oferecer subsídios para repensar a direção do sistema de ensino do país", o que veio a ocorrer posteriormente, quando o autor apresentou uma proposta de reordenação do ensino secundário incorporada ao projeto da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBE) em elaboração no Congresso Nacional.

O mérito da proposta de Saviani foi discutir o conceito de politécnica na perspectiva que encontramos nos socialistas históricos, fundamentalmente no marxismo. Nesse sentido ele procura transcender os pressupostos assumidos enquanto utopia, fundamentando-se na análise das contribuições da ciência e do capitalismo para as trans-

formações que ocorrem na sociedade moderna, principalmente quanto ao papel da escola.

Saviani parte da noção de trabalho como princípio educativo geral. Para ele, o trabalho ajusta a natureza às necessidades humanas, criando a cultura, ou seja, um mundo humano. "Conforme se modifica o modo de produção da existência humana, portanto o modo como ele [o homem] trabalha, produz-se a modificação das formas pelas quais os homens existem", sendo possível, por isso, detectar ao longo da história diferentes modos de produção da existência humana.

Em sua ótica, a realidade da escola deve ser vista nesse quadro de referência. Através da história, pode-se observar que as funções intelectuais eram restritas a pequena parcela da sociedade e a escola também dizia respeito apenas a essa parcela.

A especificidade da escola no capitalismo está relacionada à forma em que ela permite a apropriação do conhecimento em uma sociedade de classes.

O trabalho aparece no currículo da escola elementar, segundo o autor, de forma "implícita", numa apropriação dos "pré-requisitos para compreender o mundo em que se vive".

É no ensino secundário que se coloca a necessidade de explicitar a forma em que está socialmente organizado o trabalho na sociedade capitalista. Trata-se, por assim dizer, de buscar superar as suas contradições, ou seja: se, por um lado, a maximização dos recursos produtivos do homem é acionada pelo capitalismo, "isso se faz em benefício daquela parcela que detém a propriedade privada dos meios de produção". Por outro lado, uma vez que os *trabalhadores não podem ser expropriados dos conhecimentos de forma absoluta, porque sem conhecimentos eles não podem também produzir e deixam de acrescentar valor ao capital, a sociedade capitalista (na empresa e na escola) desenvolveu mecanismos através dos quais ela procura ex-*

(*) Faculdade de Educação — UNICAMP.

propriadar o conhecimento dos trabalhadores e sistematizar, elaborar esses conhecimentos e devolvê-los de forma parcelada. O taylorismo é a expressão mais típica do que foi assinalado.

Daí por que o ensino profissionalizante, concepção capitalista, tem como pressuposto a fragmentação do trabalho em especialidades autônomas. É destinado àqueles que devem executar, enquanto o ensino científico-intelectual é destinado àqueles que, mais próximos dos dirigentes, devem conceber e controlar o processo.

Para o autor, a "idéia de politécnia contrapõe-se à referida concepção. Ela postula que o processo de trabalho desenvolva, numa unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais". Ela diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno. O que poderá ser concretizado através de um ensino que una criticamente os aspectos teóricos à prática do sistema produtivo.

Provido da formação politécnica (teórica e prática), no conceito acima referido, o trabalhador estará "em condições de desenvolver as diferentes modalidades de trabalho, com a compreensão do seu caráter, da sua essência". Será possível, então, adaptar-se conscientemente às especialidades parcelares do processo de trabalho capitalista, configuradas como uma divisão de tarefas no seio de um processo "cujo domínio é coletivo".

Face ao que foi dito, o autor considera viável a proposta de um Politécnico da Saúde na Fundação Oswaldo Cruz, na medida em que permitiria unir os aspectos científicos (das ciências naturais e sociais) ao processo de trabalho real (pesquisa e produção de medicamentos, trabalho hospitalar etc.) dos serviços de saúde em que essa instituição está envolvida. Adverte, finalmente, sobre a necessidade de que essa síntese, representada pela politécnia, esteja presente em todos os componentes

do currículo e na visão do processo real de trabalho de cada um dos profissionais que atuam no Politécnico.

Trata-se, para concluir, de um estudo em que, em poucas páginas, o autor sistematiza e incorpora para o debate algumas perspectivas fundamentais do socialismo sobre a modernização e a democratização das oportunidades do saber através da escola.

Pra acabar com o bazar de bugigangas!

Ezequiel Theodoro da Silva*

*UNICAMP — Serviço de
Informação Sobre o Livro Didático.
O Que Sabemos Sobre Livro
Didático: Catálogo Analítico.*

Campinas, Editora da UNICAMP, 1989.

Na mesma proporção em que os professores de 1º e 2º grau *perdem* em conhecimento, autonomia e dignidade ao longo das décadas de 70 e 80, a indústria brasileira do livro didático *ganha* altíssimos dividendos com as suas vendas, jogando no mercado produtos nem sempre confiáveis. A pedagogia tecnicista, ao idolatrar os meios de ensino em detrimento dos fins da educação, foi em grande parte sustentada pelos mercadores de livros e materiais didáticos. Assim, dar aula ou até mesmo ser professor passou a significar a adoção do livro ou do manual didático da moda: bem ilustrado, descartável e de acordo com os famosos guias curriculares. Os milhões de cruzeiros investidos na compra em massa de livros didáticos pelos governos nem de longe

*Faculdade de Educação - UNICAMP
Associação de Leitura do Brasil - ALB